

Revista Filosófica de Coimbra

vol.19 | n.º38 | 2010

Mário Santiago de Carvalho
Fernanda Bernardo
Mário Jorge de Carvalho
Michael Marder
Marco Lamanna
João Carlos Brum Torres
Gonçalo Marcelo
Marisa das Neves Henriques

A REVISTA FILOSÓFICA DE COIMBRA EM EDIÇÃO ELECTRÓNICA

Apenas com um ligeiríssimo desfasamento em relação à data da sua publicação, a partir de agora o leitor interessado passará a dispor da possibilidade de consultar em-linha cada fascículo da *Revista Filosófica de Coimbra*. Bastar-lhe-á, para o efeito, aceder ao respectivo endereço – <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes> – para encontrar a série completa, desde o seu início na Primavera de 1992. A Direcção e a Secção de Filosofia não poderiam, nesta ocasião, deixar de agradecer à Fundação Eng. António de Almeida, que liberalmente acedeu ao nosso pedido, e alegrar-se pela fantástica vantagem doravante oferecida ao vasto universo do público filosófico. Graças às facilidades concedidas pela técnica e à sempre actualização da *Revista Filosófica de Coimbra* estamos convictos que o nosso espaço de leitores se alargará de forma absolutamente global.

O leitor tem agora nas suas mãos, da forma e com a regularidade a que já se habituou, o último fascículo do ano de 2010, composto e organizado, como de costume, com a exigível seriedade universitária e integrando frutuosas e inovadoras investigações. De salientar, primeiramente, a descoberta inédita de Marco Lamanna que, na sequência de outros trabalhos seus (vd. *Quaestio* 9, 2009) se debruçou agora sobre o surgimento do vocábulo “psicologia”. Tradição de factura aristotélica, a grande difusão renascentista do termo devia ser perseguida, de um ponto de vista histórico, não no âmbito da metafísica, mas no das relações epistemológicas da física com a metafísica. O método, como se viu, deu os seus frutos.

A hermenêutica filosófica tem concitado muitas energias no seio da Secção de Filosofia do nosso Departamento; a este facto não foi seguramente alheio o magistério de Miguel Baptista Pereira que durante tantos anos dirigiu a *Revista Filosófica de Coimbra*. Por isso, podemos contar felizmente com especialistas de nomeada. Certamente que é esta a razão que justifica o acolhimento de dois trabalhos exteriores ao Conselho de Redacção, um sobre Martin Heidegger, da autoria de João Carlos Brum Torres, o outro sobre Paul Ricoeur, de Gonçalo Marcelo. Se este último, defenderá uma alternativa, discutível, é certo, para se aceder à *forma mentis* do pensamento dialéctico ricoeuriano – assente na interacção conflito/conciliação –, pleiteando pela judiciosa harmonia entre originalidade e rigor, é de tom diverso o outro trabalho publicado. O seu autor dialoga, de facto, com alguns dos mais relevantes avanços científicos na Biologia para sustentar que “o desvanecimento da diferença ontológica entre órgão e instrumento deve ser visto como a superveniência de um acontecimento de alcance historial” que analisa e o faz avançar uma proposta especulativa sobre o Dasein. Não poderíamos passar esta ocasião sem lembrar que Maria Luísa Ferreira da Silva é autora de *A Hermenêutica do Conflito em Paul Ricoeur* (Coimbra 1992) e que esta mesma autora, de parceria com Luís Umbelino, traduziu recentemente o *Vocabulário*

de P. Ricoeur, de O. Abel e J. Porée (Coimbra 2010), dois contributos da Secção que em muito permitirão ajudar a divulgação do autor de *Le Conflit des Interprétations*.

Uma vez mais a *Revista Filosófica de Coimbra* se ilustra na sua paixão pela Filosofia Antiga, aqui abordada sob duas perspectivas muito diversas. O cultivo da diferença sempre foi timbre da nossa publicação. Começaria por salientar o fundamental “Estudo”, repleto de minúcia e de fundamentação, de saber filológico e rigorosa meditação, da autoria de Mário Jorge de Carvalho, “Do Belo como constituinte do Humano segundo Sócrates/Diotima”, em torno de *Eros*, filho de *Penia* e de *Póros*, no discurso contra Agatão levado a cabo por Sócrates. O texto do *Symposium/Banquete* é deveras conhecido, naturalmente, mas o leitor deve preparar-se para uma proposta inédita, abundantemente consolidada, mas também proposta não sem imaginação e inteligência, cujo ponto fundamental, a nosso ver, se liga ao esclarecimento da não-neutralidade da vocação humana para o Belo, marcada – e passo a citar o autor – “pelo ponto de fuga do *metaxù kalou kai aischrou* que nos conforma (...), o Belo envolvido na constituição do Humano (...) a Ítaca do nosso desassossego – uma Ítaca que até pode não haver ou a que, de todo o modo, porventura temos de renunciar, por não estar ao nosso alcance, mas para que tendemos.” O segundo trabalho retoma a *epekeina tes ousias* que M. Marder, professor com ligações a alguns Centros de Filosofia do nosso País, lê na esteira do E. Lévinas de *Autrement qu’être ou Au-delà de l’essence*, sob o motivo da “fuga” complicada com a problemática do excesso, e apostando num programa (talvez apenas percebido ainda) – mas mesmo assim frisando o legado de Platão na mais moderna implicação ética/ontologia (afinal a linguagem do Ser sobre o Bem) – de invenção de “novas, oblíquas e indirectas aproximações ao Bem”.

Cumpre-nos ainda assinalar que a maior especialista portuguesa no pensamento e obra de Jacques Derrida, Fernanda Bernardo, ela que tanto se tem destacado na tradução e na fidelidade a tão sensível pensador e difícil escritor, colabora com uma modestamente chamada “Nota de leitura” sobre a obra de Ginette Michaud recentemente publicada (2009) sobre Derrida e Celan – aquele confessando a impensabilidade do seu encontro com este –, da qual nos permitimos destacar o motivo do poeta e do pensador como “sentinelas da *polis*” e “arautos da resistência”.

Por fim, contamos com dois trabalhos relativos ao pensamento filosófico nacional, tarefa em que ilustres predecessores como Joaquim de Carvalho, Silva Dias ou Amândio Coxito, deixaram escola. Trata-se agora de um trabalho sobre o ilustre pensador da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vieira de Almeida, que o signatário contrasta com Santo Agostinho como ocasião para intervir no horizonte da história da filosofia; e de uma pequena mas acutilante nota de crítica, pela mão de Marisa das Neves Henriques, que, bem distintamente do que tem acontecido nas publicações europeias afins, não hesitou em castigar, sobretudo, no seu caso, os artigos ligados ao pensamento português registados no à partida tão promissor *Vocabulaire Européen des Philosophies. Dictionnaire des Intraduisibles*, organizado por Barbara Cassin para publicação em 2004. Incompreensivelmente, dizemos nós, seis anos após a sua edição esta obra enorme tem merecido poucas críticas severas, quando tantas das suas entradas carecem de pertinência e consistência, para não tocarmos sequer na corporização do próprio projecto, matéria sobre a qual julgamos poder ainda vir a abrir espaço em futuras páginas da *Revista Filosófica de Coimbra*.

Encerram este trigésimo oitavo fascículo as habituais notícias, resenhas e os Índices do décimo nono volume, estes da responsabilidade editorial de Maria Inês Almeida.

Outubro de 2010
Mário Santiago de Carvalho